

“Para povoar a história de índios”

Um texto em homenagem a John Monteiro (1956-2013)*

Ernenek Mejía**

Mariana da Costa A. Petroni***

Patricia Lora****

Resumo

A proposta de John Monteiro de povoar de índios a história e a antropologia tem um importante impacto dentro dessas duas disciplinas no Brasil. A partir de nosso ponto de vista como orientandos, colocam-se em perspectiva essas contribuições, apresentando parte das relações que ele tinha como um personagem engajado ética e politicamente com a produção de conhecimento nas universidades, além de apresentar parte das últimas preocupações teóricas que marcam os trabalhos de um segmento de sua “linhagem”.

Palavras-chave: História indígena. Antropologia. Índios na história.

Abstract

John Monteiro's proposition of populating history and anthropology with Indian narratives has an important impact within these two subjects in Brazil. From our point of view as researchers in the course of our postgraduate

* Uma versão desse texto foi apresentada na mesa em homenagem ao Prof. John Monteiro, na Semana de Ciências Sociais, organizada pelos alunos da graduação em Ciências Sociais da Unicamp, em outubro de 2013.

** Mestre em Antropologia Social pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e doutorando do programa pós-graduação em antropologia social pela mesma instituição. Email: ernenek13@gmail.com.

*** Mestra em Antropologia Social pelo Centro de Investigaciones y Estudios Superiores em Antropología Social (México) e doutoranda do programa pós-graduação em antropologia social da UNICAMP. Email: marianapetroni@hotmail.com.

**** Mestra em Pesquisa Social Interdisciplinar pela Universidade Distrital Francisco José de Caldas (Colômbia) e doutoranda em Ciências Sociais pela UNICAMP. Email: patoloraleon@gmail.com.

studies, these contributions are placed in perspective; presenting part of the relationship he had as someone ethically and politically engaged with the production of knowledge in universities, in addition to presenting the last theoretical concerns that marked the works of a segment of his “lineage”.

Keywords: Indian History. Anthropology. Indians in History.

Multiplicando as contribuições

Quando reconhecemos as contribuições de John Monteiro para a história e para a antropologia, corremos o risco de restringir sua obra aos seus trabalhos mais reconhecidos, ignorando a diversidade existente em suas preocupações e com isso seu cuidadoso e permanente esforço de multiplicar em ambas as ciências, mas não somente, o olhar sobre os coletivos a respeito dos quais pensava e pesquisava.

A multiplicidade de olhares existente em sua obra e seu compromisso com a diversidade não se traduzia apenas no amplo diálogo que mantinha com os processos de colonização das populações nativas das Américas, Índia e outros continentes, estava também presente em seu trabalho de orientação, o qual, como assinalou Maria Regina Celestino, fazia

com apreciável erudição e incrível capacidade de trabalho, dirigia, sugeria e apontava caminhos, respeitando individualidades e opiniões diversas, ao rigor acadêmico associava simpatia e gentileza, de forma que sabia criticar e corrigir, sem desestimular nem constranger (2013, p. 403).

Mas, sua forma de orientar não pode ser entendida apenas como uma maneira particular com a que ele assumia seus compromissos acadêmicos, era uma postura ética por meio da qual John Monteiro procura promover a diversidade temática entre seus alunos, fomentando assim a autonomia intelectual entre sua “linhagem” – como ele gostava de, carinhosamente, qualificar seus orientandos – evitando, dessa maneira, comprimir o debate ao redor dele e de suas preocupações pessoais, e desse modo, somar ao leque

de pesquisas sobre os indígenas no Brasil e na América Latina as inquietações e percepções de seus alunos.

Escrevemos este texto como orientando e alunos que, ao longo do breve espaço de tempo que compartilhamos com John Monteiro, construíram em conjunto e sob sua direção algumas formas para repensar, no Brasil e fora dele, os percursos traçados pelos indígenas, perguntando-nos criticamente sobre o lugar de objeto dado a esses grupos tanto na história como na antropologia. Inquietações e questionamentos que o levaram a promover não apenas a inclusão de indígenas nas universidades públicas – como alunos e pesquisadores, o que, segundo John Monteiro, daria outra cara a esse espaço tão homogêneo de cores e ideias – mas também abraçando os saberes indígenas, tanto como conhecimento legítimo como fórmula de transformação da produção de saber acadêmica.

Para John Monteiro, pensar o lugar que os indígenas ocuparam e ocupam significava conhecer seu papel na construção de sua própria história, dialogando ou não com as perspectivas dominantes nas quais foram e são silenciados. Assim, seu esforço para incluir os indígenas nos programas de história e antropologia, através de ferramentas discursivas, epistêmicas e políticas do mundo acadêmico, tinha como objetivo promover a autoridade de uma experiência particular narrada a partir de memórias e universos próprios de significação indígena.

“A experiência indígena na América”

Entre esses diversos interesses, destacaremos aqui apenas uma pequena parte, aquela que acompanhamos mais de perto: o da importância do pensamento indígena para a construção de um novo olhar sobre a história e sobre o presente dos índios no Brasil e na América Latina, interesse que compartilhávamos e estudávamos sob sua orientação.

Afirmar a preocupação de John Monteiro por povoar de indígenas o presente e, especialmente, a história não é uma novidade, já que esse cuidado percorre grande parte de sua obra e de sua trajetória intelectual e

pessoal. Caracteriza sua permanente insistência em reformular o campo da história dos índios no Brasil, principalmente, a partir de enfoques histórico-antropológicos que possibilitam novas compreensões sobre o lugar dos índios na história e da história feita pelos índios.

No Brasil, essas inquietações se tornaram relevantes como consequência das mobilizações de um emergente movimento indígena que trouxe importantes questões ao estudo da história, levando ao surgimento, a partir da década de 1970, de iniciativas acadêmicas que buscavam consolidar a imagem dos índios como agentes históricos. Uma reviravolta em decorrência, também, de um reajuste da noção de direitos indígenas – incluídos os direitos territoriais – enquanto direitos *históricos*, afirmados na Constituição de 1988, o que provocou o desenvolvimento de pesquisas que buscavam nos documentos coloniais os fundamentos históricos e jurídicos das demandas indígenas.

Nesse contexto de inovação teórica e prática, tal como qualifica John Monteiro (2001), esse período de reformulação da história indígena, a relação entre a história e a antropologia, permitiu a formulação de uma ideia menos cristalizada do passado e do presente desses coletivos, que eram, até então, assumidos por historiadores e etnólogos, ora como coletivos ágrafos, isolados e sem fontes históricas; ora como povos no caminho da desapareição, distantes das sociedades abrangentes.

O esforço de John Monteiro, nessa conjuntura, foi o de repensar a própria história indígena e compartilhando iniciativas como a da antropóloga Manuela Carneiro da Cunha, procurou construir um novo olhar sobre as populações indígenas em situação de contato.

Por meio de seus trabalhos e das linhas de pesquisa que fomentou, John Monteiro transformou o papel irrelevante que, por tanto tempo, foi delegado aos índios. Sua tese de doutorado defendida em Chicago em 1985, e publicada no Brasil com o nome de *Negros da Terra*, em 1994, deu visibilidade ao protagonismo indígena na construção da sociedade colonial de São Paulo e evidenciou que o processo de colonização dependia em grande parte das populações indígenas e de sua mão de obra.

Com essa pesquisa, John Monteiro mostra a existência dos índios nas narrativas que os invisibilizavam, colocando-os, assim, como parte da história e das relações coloniais. Ao mesmo tempo em que responde “historicamente” a imagem que faz dos índios parte de um campo exclusivo da antropologia (MONTEIRO, 2001).

John Monteiro aborda, nesse e em outros trabalhos derivados dessa mesma pesquisa, a experiência dos “índios coloniais”, que abertamente dialoga “com os novos tempos, seja para assumir ou rejeitar algumas das suas características” (MONTEIRO, 2001). Contesta, dessa maneira, toda uma tradição da historiografia brasileira que, por muito tempo, justificou, a partir da suposta inexistência de fontes, o desinteresse pela história indígena.

Aproveitando sua aproximação da antropologia, que marca sua obra, mas também de toda uma tradição teórica norte-americana que buscava imaginar novas formas de entender o passado a partir do mundo indígena, John Monteiro apresenta uma nova forma de olhar o passado indígena no Brasil a partir da revisão de trabalhos etnológicos fundamentados em fontes históricas, tais como o desenvolvido por Florestan Fernandes (1948 e 1980 [1952]) e antes dele o de Alfred Métraux (1927 e 1979 [1928]).

Ainda nessa mesma empreitada, na última reunião da Associação Brasileira de Antropologia, em julho de 2012, John Monteiro – em uma mesa dedicada à história indígena – chamou a atenção, mais uma vez, para a necessidade de se pensar a história do Brasil como uma história povoada de índios. Ele afirmou que a história do Brasil se projetava para outros contextos, mas que era necessário pensar essa inserção a partir da história indígena. E dessa maneira propunha a realização de pesquisas históricas a partir de um olhar descentrado, desde todas as suas partes constituintes.

Sua ênfase não era gratuita, mas marcada pela preocupação do abandono da temática indígena por toda uma geração de historiadores que vivenciaram a mobilização indígena em décadas anteriores. Muitos pesquisadores deixaram de lado os indígenas na história, em detrimento de outros atores presentes nas fontes e assim abandonaram uma série de reivindicações ainda presentes nos indígenas.

Seu principal propósito era manter o tema indígena latente, posição presente na sua tese de livre docência intitulada *Tupis, Tapuias e Historiadores. Estudos de História Indígena e do Indigenismo* (2001), na qual questiona a história pela ausência, destacando um dos temas que era constantemente reiterado em suas orientações e estava sempre presente em suas perguntas: a importância do pensamento indígena como meio de conhecimento para se posicionar diante da história, deslocando, dessa maneira, o sujeito e revelando como a ação indígena determinou a marcha da história. Uma tarefa que não significava apenas reconhecer os indígenas como agentes históricos, mas reconhecer suas formas de agência; trabalho que deveria ser feito não somente através de uma história dos índios, mas a partir da compreensão dos índios na história.

Índios na história, um olhar pós-colonial e decolonial

Foi com essas preocupações de fundo que nós alunos, em sua companhia, nos embrenhamos no debate pós-colonial e decolonial latino-americano. Suas perguntas, que nos guiavam, nessa última parte de sua trajetória, partiam dos propósitos do filósofo argentino W. Mignolo (2011) de “mudar os termos e conteúdos da conversa”, problematizando o “lugar de enunciação” do e sobre os indígenas e a forma como é redigida a história e o presente desde a perspectiva dominante, buscando evidenciar, dessa maneira, as relações de poder em jogo que silenciam os sujeitos, os quais, segundo John Monteiro, contestaram e contestam de forma criativa e por meio de recursos fornecidos pelos dispositivos de suas próprias culturas as narrativas dominantes.

Dessa maneira, John Monteiro nos instigava a explorar, desde uma perspectiva comparada e ampla, as diversas histórias coexistentes durante o processo de colonização, as quais nos permitiriam desvendar tanto o silenciamento como a marginalização das narrativas indígenas sobre seu passado e presente. E isso, sempre a partir de uma perspectiva que não perdesse de vista a coetaneidade indígena (FABIAN, 1983), ou seja, a

existência de uma “comunidade de fala” ou do compartilhamento de tempo entre nativos e colonos, entre indígenas e não indígenas.

Em seu último prefácio, escrito para o livro da antropóloga Paula Montero: *Selvagens, Civilizados e Autênticos* (2012), onde a autora pesquisa a produção salesiana de documentos etnográficos sobre os indígenas no Brasil, John Monteiro apurava esse olhar, afirmando que, nas narrativas desses missionários sobre os povos indígenas, não estava presente apenas a visão dos religiosos como também o do próprio interlocutor indígena, que partilhava a autoria dos textos e a experiência do mundo missionário.

Daí a importância, para ele, da parceria entre a antropologia e a história, através da qual podemos entender as temporalidades indígenas e, assim, como os indígenas construíram e constroem suas histórias; e, ao mesmo tempo, ao conhecer cada cânon historiográfico, desvendar como os indígenas foram e são construídos na história. Epistemologias, personagens e coletivos ocultados em uma história unificante, que John Monteiro apostava multiplicar.

E por isso também a importância que ele dava para as diferentes maneiras de narrar e escrever a própria história, e a plasticidade expressa nas diversas formas que a memória adquire na experiência indígena. Uma perspectiva que nos remete ao lugar que o ponto de vista indígena tem no conjunto de fontes que abordam seu universo de relações, fontes que reduziram as expressões orais e imagéticas que dizem respeito à construção narrativa indígena da própria história à palavra escrita nas línguas dominantes.

Esses questionamentos levavam John Monteiro a se interrogar não apenas pelas fontes históricas que remetem aos grupos indígenas como parte de uma narrativa colonial, mas pela contemporaneidade e o caráter vivo, e nesse sentido político, histórico, cultural e epistemicamente relevante do pensamento e das culturas indígenas no Brasil e nas Américas como um todo que intervêm no tempo e no espaço de formas particulares.

As diversas pesquisas recentes realizadas sob sua orientação dão conta dessa preocupação mais ampla, que na interface entre cultura e política, história e antropologia, questionam a passividade indígena, desvendando neles agendas próprias e reposicionamentos engajados e atuantes nas questões que lhes dizem respeito.

Os indígenas, suas vozes ancoradas no mito, nos enunciados políticos, na discursividade e reflexividade do ser e fazer indígenas são vozes em diálogo, interseção, localizadas na fronteira sempre incontornável das relações interculturais, as quais, ao contrário de acarretar o fim ou a perda da essência indígena, ou de entender essa diversidade como um agenciamento da diferença, expressam nesse movimento sua flexibilidade e capacidade de significar, ressignificar e transformar a própria cultura e a dos outros. São vozes que, no universo das relações com a sociedade abrangente, ainda ocupam um lugar marginal, sendo consideradas e classificadas, todavia, sob os critérios universais do pensamento da ciência moderna.

Por isso, a preocupação pelo lugar que essas vozes ocupam como fontes “vivas”, que exprimem o sentido do seu próprio sentido, tornou-se uma questão presente – e, portanto, teórica e politicamente relevante – na reflexão de John Monteiro, evidenciando recentemente seu particular interesse pelos intelectuais indígenas, enquanto sujeitos potencialmente capazes de subverter e questionar a ordem epistêmica e política, ao criar condições “outras” de diálogo entre dispositivos simbólicos e de conhecimento com o mundo acadêmico pautado na matriz moderna de produção científica.

Tal fato aclara sua defesa veemente das cotas para indígenas e negros nas universidades públicas, expondo o que na sua perspectiva constituía-se uma tarefa urgente nos propósitos de criar condições políticas para esse diálogo mais amplo, e simétrico, do qual devem participar efetivamente os conhecimentos considerados como tradicionais, e, assim sendo, os sujeitos de conhecimento que falam através deles.

Nesse sentido, ao afirmar e promover a capacidade do subalterno de falar (SPIVAK, 2010), John Monteiro não somente defendia uma posição teórica em contramão a toda uma tradição do pensamento pós-colonial,

como também defendia uma posição ética a partir da qual questionava o silenciamento delegado aos indígenas pela história e antropologia brasileiras ainda no presente.

Sua trajetória acadêmica e política mostra sua preocupação permanente por romper com os lugares hegemônicos e universalizantes que reduzem e silenciam as narrativas e histórias “outras”, e sua urgência em pluralizar esses lugares – históricos, políticos, culturais, epistêmicos – recuperando não apenas as vozes diversas que falam através das fontes históricas, como também as que se encontram na memória viva dos grupos indígenas.

Esse caminho que prometia novos trabalhos, debates e reflexões encerrou-se subitamente, deixando planos em aberto e pelo menos 15 estudantes de pós-graduação saudosos e aturdidos diante da tarefa de terminar uma dissertação ou tese sem o seu principal interlocutor, mas, principalmente, com o compromisso de seguir com sua obra. Resta agora colher os frutos que John Monteiro plantou e fazer uso das ferramentas que ele nos deixou para continuar multiplicando e povoando a história e o presente de indígenas.

Bibliografia

- ALMEIDA, Maria Regina Celestino. John Manuel Monteiro (1956-2013): um legado inestimável para a Historiografia. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, vol. 33, num. 65, p. 399-403, 2013.
- FABIAN, Johannes. *Time and the other: How anthropology makes its objects*. New York: Columbia University Press, 1983.
- FERNANDES, Florestan. *Organização Social dos Tupinambá*. São Paulo: Progresso, 1948.
- FERNANDES, Florestan. *Função Social da Guerra na Sociedade Tupinambá*. São Paulo: Pioneira, 1980 [1952].
- MÉTRAUX, Alfred. *Migrations historiques des Tupi-Guarani*. Paris, Librairie Orientale et Américaine, 1927.

- MÉTRAUX, Alfred. *A Religião dos Tupinambás e suas Relações com a das demais Tribus Tupi-Guaranis*. Tradução Estêvão Pinto. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979 [1928].
- MIGNOLO, Walter. *The Darker Side of western modernity. Global Futures, Decolonial Options*. Durham: Duke University Press, 2011.
- MONTERO, Paula. *Selvagens, Civilizados, Autênticos: produção das diferenças nas Etnografias Salesianas (1920-1970)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.
- MONTEIRO, John M. *Negros da Terra. Índios e Bandeirantes nas origens de São Paulo*. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.
- MONTEIRO, John M. *Tupis, Tapuias e Historiadores. Estudos de História Indígena e do Indigenismo. Tese de Livre Docência em Antropologia*. Campinas: Unicamp, 2001.
- SPIVAK, Gayatri. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: UFGM, 2010.